

# Representações do Diabo em *O exorcista*, de William Peter Blatty

*The depictions of the Devil in William  
Peter Blatty's The exorcist*

João Vítor Temóteo Viana  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
[joaotemoteo.13@gmail.com](mailto:joaotemoteo.13@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0002-4385-5757>

## RESUMO

O presente trabalho debruça-se sobre a representação demoníaca no romance *O exorcista* (1971), de William Peter Blatty. Esta empreitada justifica-se na oportunidade de se observar as maneiras pelas quais uma figura tão importante e presente no imaginário ocidental como o Diabo foi retratada numa obra contemporânea. Em termos metodológicos, o artigo em questão é classificado como bibliográfico e descritivo, de cunho analítico e abordagem qualitativa. Para embasar teoricamente o trabalho, utilizou-se as reflexões de Magalhães e Silva (2012), Riley (2017) e Schiavo (2000). Por fim, foi possível constatar que o demônio em *O exorcista* possui inúmeros pontos de semelhança com a figura de Lúcifer retratada no texto bíblico, aproximando-se de uma representação mais tradicional do ser diabólico.

**Palavras-chave:** Diabo; *O exorcista*; romance; Blatty; Bíblia.

## ABSTRACT

The present work focuses on the demonic representation in the novel *The exorcist* (1971), by William Peter Blatty. This endeavor is justified by the opportunity to observe the ways in which a figure as important and present in the Western imagination as the Devil was portrayed in a contemporary work. In methodological terms, this paper is a bibliographic and descriptive one, with an analytical nature and a qualitative approach. To theoretically support the work, use as from Magalhães e Silva (2012), Riley (2017) and Schiavo (2000). Finally, it was possible to verify that the devil in *The exorcist* has points of similarity with the figure of Lucifer portrayed in the biblical text, closer to a traditional representation of the diabolical being.

**Keywords:** Devil; *The exorcist*; novel; Blatty; Bible.

## INTRODUÇÃO

O artigo em questão concentra suas atenções na representação do Diabo contida no romance *O exorcista* (1971), do escritor norte-americano William Peter Blatty (1928-2017), de modo a detalhar e analisar os traços dessa criatura. O foco desta análise justifica-se tanto pela chance de se observar de que formas uma figura tão marcante em termos simbólicos, religiosos e culturais para o Ocidente foi retratada, como também pelo fato de que, como afirma Brian Riley (2017), é nas ações e nas falas do ser diabólico que se tem os momentos de maior impacto e até de transgressão social da obra citada.

No que tange à metodologia empregada, tendo em mente os objetivos acima expressos, foram feitas apreciações crítico-analíticas de *O exorcista*, o que faz com que esta pesquisa seja classificada como bibliográfica e descritiva, de cunho analítico e abordagem qualitativa. Dada a sua maior disponibilidade e a análise de aspectos formais, optou-se por utilizar a versão traduzida para língua inglesa do livro de Blatty, lançada no ano de 2011, em comemoração aos 40 anos de estreia, na qual há acréscimos ao texto publicado em 1971. Sempre que se julgou necessário apresentar trechos do romance, suas traduções para o português brasileiro (contidas na versão de 2015 da Editora Agir, sob tradução de Carolina Caires Coelho) foram trazidas para análise.

Em relação aos pressupostos teóricos, tomou-se como base os seguintes trabalhos: Antônio Magalhães e Eli Silva (2012) com sua perspectiva histórica da representação do Diabo nas manifestações artísticas ocidentais; Luigi Schiavo (2000), contendo considerações acerca da presença da criatura diabólica no imaginário cristão e nos textos que compõem a Bíblia; e Brian Riley (2017), com sua análise de diferentes leituras possíveis de *O exorcista* e de sua adaptação para as telas de cinema, lançada em 1973.

Nessa história, acompanha-se a vida de Chris MacNeil, atriz e mãe divorciada, que começa a notar mudanças significativas na personalidade e no comportamento de sua filha de 11 anos, Regan, quem, de uma jovem alegre e ingênua, passa a ser uma pessoa agressiva e raivosa. Após procurar auxílio médico, mas não conseguir uma resposta satisfatória e conclusiva para os problemas de Regan, Chris pensa que o problema de sua filha não reside em sua saúde física ou mental, mas sim no campo espiritual. Isto é, que a modificação brusca no modo de ser de Regan está relacionada a uma possessão do espírito

da menina por um demônio. Desesperada, Chris decide pedir ajuda a padre Karras que, mesmo enfrentando problemas com a fé em Deus por conta da morte da mãe, torna-se a última esperança para salvar a vida de Regan e de sua família.

Karras se dedica a estudar a condição de Regan e, após concluir que um exorcismo pode ajudá-la, consegue autorização da Igreja Católica para realizar o referido ritual, com o apoio de outro padre, Lancaster Merrin. Depois de horas de um processo exaustivo, os dois padres vêm a falecer durante o ritual, mas Regan retorna à sua condição normal e pode, junto com a sua mãe, retomar sua vida.

Após análises, constatou-se que, em *O exorcista*, tem-se uma representação demoníaca que estabelece constantes diálogos com aquelas contidas na Escritura Sagrada do Cristianismo, além de aproximar-se aos modos de caracterização mais tradicionais da figura do Diabo, muitos deles típicos do período medieval, como a bestialidade e a blasfêmia.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de começar a discussão acerca da representação do Diabo na história, é preciso que se faça importantes esclarecimentos a respeito aos termos que serão empregados para referir-se ao ser diabólico ao longo do trabalho em questão. No imaginário popular, são inúmeras as formas usadas para mencionar e fazer alusão à entidade diabólica, em especial “Diabo”, “demônio”, “Lúcifer”, “Satã” e “Satanás”, ocorrendo, inclusive, certa indistinção entre esses nomes. No entanto, em nível etimológico e até mesmo teológico (como será detalhado mais a frente), diversas discussões já foram feitas no sentido de determinar que tais palavras, mesmo que empregadas como sinônimas, não são, em tese, equivalentes, pelo menos não em seus sentidos e contextos iniciais.

De acordo com Schiavo (2000), a palavra “Satanás” advém do termo em hebraico *satan*, com a raiz “stn”, o que significaria um adversário, aquele que se coloca no caminho. Por sua vez, Luís da Câmara Cascudo (2002) relaciona o termo à expressão hebraica *haschatán*, possuindo o mesmo significado. Já “Diabo”, para Schiavo (2000), é derivado da expressão grega *διάβολος* (*diábolos*), que indica algo que se põe no caminho,

enquanto Carlos Nogueira (2002) argumenta referir-se a alguém que leva a julgamento, acusador.

Em relação à palavra “demônio”, Schiavo (2000) aponta para a origem incerta do termo, já que sua etimologia pode vir tanto da raiz *da* (distribuir conhecimento), como das formas hebraicas *shed* (cuja raiz verbal *shud* significa fazer violência, possuir) e *shaddai* (onipotente). Para os gregos, os demônios (*δαίμων* no singular, *δαίμονες* no plural) eram seres de origem divina ou que possuíam semelhança com os deuses (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Brooks Alexander e Jeffrey Russel (2019) pontuam que Homero utilizava a expressão em grego praticamente como um sinônimo para *theos*, deus.

Outras perspectivas, por sua vez, apontam demônios como representantes dos espíritos daqueles que já faleceram, ou até mesmo pontes de comunicação entre os deuses e os seres humanos (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Alexander e Russel (2019) ressaltam que, para boa parte da sociedade grega, um *daimon* poderia ser bom ou ruim, tendo Sócrates afirmado que ouvia conselhos desse tipo de entidade que o acompanhava. O pensamento judaico-cristão apropria-se da cultura mesopotâmica para cunhar a sua noção de demônios como seres maléficos, “anjos que traíram sua própria natureza” (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 329).

Por fim, no que tange a “Lúcifer”, de acordo com Robert Alden (2016), o termo corresponde à versão traduzida para o latim da expressão em hebraico לְלֵל (hélél), que significa “aquele que brilha ou resplandece”, tradução essa encontrada na Vulgata. Para ser mais exato, a palavra em questão fazia parte da frase *hélél ben shachar*, presente em Isaías 14:12<sup>1</sup>, com *ben schachar* significando “filho da alva”. Nesse sentido, Alden (2016) destaca que os tradutores da Vulgata compreendiam *hélél* enquanto um substantivo derivado do verbo *hll*, o qual significa “brilhar”.

Em seguida, o destacado autor comenta que, ao tecer comentários em relação a essa passagem de Isaías, figuras como Tertuliano e Orígenes associaram esse “filho da alva” ao Diabo, posição que foi reforçada com os versos de John Milton em *Paraíso Perdido*<sup>2</sup>. Dessa forma, solidificou-se, no imaginário popular, a ideia de que Lúcifer era

<sup>1</sup> Em português: “Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo” (Bíblia, 2006).

<sup>2</sup> “(...) Cidade e corte do infernal tirano / Que Lúcifer chamado foi outrora / Por se lhe assemelhar da tarde a estrela (...)” (Milton, 2013, p. 316).

o Diabo. Alden (2016), entretanto, discorda dessa equivalência, na medida em que os versículos de Isaías estariam referindo-se a um perverso rei babilônico que, ao perder o trono, já não era mais temido, o contrário do que aconteceu ao Diabo, o qual deu início ao seu reinado infernal justamente após sua expulsão e conseqüente queda da corte celestial. Em suma, Alden (2016) defende que a tradução de *hēlēl* como “Lúcifer” é adequada, mas sua identificação enquanto a entidade diabólica, não. Isto é, Lúcifer e Diabo não são o mesmo ser, não devendo esses nomes serem utilizados como sinônimos.

No tocante a este tópico, Luís da Câmara Cascudo (2012) destaca a variedade de formas presentes no português brasileiro utilizadas para fazer referência ao Diabo, boa parte delas encontrada na região interior do país. Assim, temos: “(...) excomungado, drale, bode sujo, inimigo, mofino, maldito, não-sei-que-diga, tição, diacho, encapetado, dianho” (Cascudo, 2012, p. 264). A estes, juntam-se outros nomes:

(...) esmulambado, mulambudo, cambito, cão, dedo, moleque, fute, pé-de-peia, pé-preto, pé-de-pato, futrico, figura, bode, capa verde, gato preto, malino, sapucaio, Pêro Botelho, bicho, rapaz, tinhoso, capeta, capiroto, coxa, coisa, sujo, maioral, ele, maldito, demo, cafute e droga (Cascudo, 2012, p. 264).

A presença maciça do Diabo no léxico português também é notável em determinadas construções expressas no linguajar cotidiano dos brasileiros. Tem-se, por exemplo, a frase interrogativa “Que diabo é isso?”, dita geralmente quando se encontra algo incompreensível ou visto pela primeira vez, assim como a ofensa “Que o diabo te carregue!”, usada para atacar verbalmente outra pessoa, e o termo “diacho”, sinônimo de Diabo, que também é visto em expressões idiomáticas.

Dessa forma, julgou-se importante restringir as referências à entidade diabólica aqui acionadas em duas: Diabo, quando se estiver tratando acerca da figura tida como representação máxima do maligno no mundo, especialmente nos momentos em que se estiver traçando o histórico de seus retratos; e demônio, nas situações em que nos referirmos, de maneira específica, à entidade que atormenta Regan, haja vista que o romance analisado faz uso desse termo. Outras formas de referência serão utilizadas apenas se alguma obra ou evento que esteja sendo discutido assim o fizer, como acontece nos escritos bíblicos, por exemplo, em que é empregado o nome Satanás.

Feitas as ressalvas a respeito dos nomes para a figura diabólica, partamos para a sua história. Magalhães e Silva (2012) são categóricos ao afirmarem que foi o

Cristianismo o fator primordial para a consolidação e a atribuição de força ao Diabo, pois é no credo cristão que “as representações e projeções do Diabo encontrarão um singular avanço na cultura e na civilização” (Magalhães; Silva, 2012, p. 278). Foi a partir dos séculos XII e XIII, com os teólogos medievais, que se deu a sistematização e a unificação iniciais sobre a figura do Diabo, muito por conta da ascensão do Cristianismo como religião oficial do Império Bizantino.

Os respectivos autores pontuam que, antes disso, o Diabo estava presente nas narrativas e nos imaginários, como nas religiões monoteístas. Contudo, “ele nunca foi assim tão importante como figura, pessoa, representação e força do imaginário como na Idade Média e depois do Renascimento” (Magalhães; Silva, 2012, p. 278). Até mesmo na Bíblia Hebraica, sua participação nunca se deu de forma homogênea, já que, de acordo com as passagens do Antigo Testamento, a figura diabólica possui um caráter mais pedagógico, de complementação às forças divinas.

Aliado a isso está o fato de que, até o século XII, a visão de mundo das pessoas era marcada por um forte caráter mágico, o que impossibilitava a hegemonia da figura diabólica em relação ao Mal. Assim, é na cultura popular cristã e pagã que o Diabo encontra espaço para se disseminar e influenciar nas representações artísticas, especialmente o teatro (Magalhães; Silva, 2012).

O cenário descrito começa a ser modificado no final do século XII, quando a Igreja Católica fortalece sua preocupação com o Diabo, procurando elaborar de que formas se dá a sua ação no cotidiano e o quão maléfico seria um mundo dirigido por tal força (Magalhães; Silva, 2012). Isso se deu por conta dos anseios políticos das autoridades católicas, já que, neste momento, a Igreja se viu ameaçada por diferentes grupos, como os Bogomilos, os Valdenses, os turcos e os judeus. Deste modo, “(...) instala-se na cristandade um medo difuso que ajuda a criar a ideia de que está em curso um ataque concentrado contra o cristianismo, um ataque conduzido por uma potência sobrenatural pelo inimigo, o Diabo” (Minois *apud* Magalhães; Silva, 2012, p. 280).

Com a ascensão do Iluminismo e a literatura romântica, houve mudanças na maneira de pensar o Diabo, pois várias perspectivas sobre o assunto deixaram de lado as lentes do sobrenatural e passaram a utilizar categorias racionais para interpretar os fenômenos do mundo. Com isso, o Diabo entra na esfera do mito literário, sendo símbolo do espírito livre e alegria, da rebeldia contra os tabus e os valores tradicionais. Com o

Romantismo, o Diabo passa a ser uma figura cada vez mais humanizada. Em outras palavras, o que era demoníaco, agora é humano, num processo de interiorização do Mal no texto literário (Magalhães; Silva, 2012).

Magalhães e Silva (2012) finalizam suas reflexões evidenciando a ambiguidade característica da figura do Diabo, sua riqueza de sentido e de representações, com especial destaque para o texto literário. Essa figura na literatura mantém diálogos constantes com outros textos, de diversas áreas, o que caracteriza um fenômeno pluridiscursivo acerca deste personagem tão significativo. Ademais, os autores destacados complementam:

(...) a figura do Diabo é histórica e teológica, polêmica e harmoniosa, sacra e profana, do bem e do mal, sendo sua semântica reconstruída por meio de um processo hermenêutico permanente a partir das vivências humanas, das expressões das artes em geral e dos textos verbais, de forma especial, da arte da palavra, a literatura, e do lugar discursivo do enunciador em seus diferentes contextos socioculturais, onde esse ser mitológico, essa figura do discurso e essa representação do vivido é de novo apropriada, refigurada, tecida, engendrando ressignificação dos sentidos possíveis para a existência humana (Magalhães; Silva, 2012, p. 289).

Quando concentramos a atenção na atuação do Diabo contida na Bíblia, Schiavo (2000) comenta que uma das explicações mais comuns acerca da questão do Mal é aquela que o associa a seres celestiais opostos a Deus, ou seja, o Diabo ou os demônios, representantes da maldade e do caos, além de inimigos da ordem estabelecida em um grupo. Nesse caso, a figura do Diabo é frequentemente utilizada como bode expiatório, um repositório de tudo aquilo que se relaciona com o maléfico.

Em seu estudo, Schiavo (2000) analisa as diferentes imagens do Mal e do Diabo que aparecem no texto bíblico, de modo a definir a evolução desta figura e a sua importância para o cotidiano das pessoas. Em primeiro lugar, destacam-se algumas dificuldades: quando Satanás (Schiavo (2000) prioriza a utilização deste termo em detrimento de “Diabo”, o que será respeitado) aparece pela primeira vez na Bíblia, ele não é identificado como inimigo de Deus, e, sim, como alguém que se põe no caminho, um obstáculo. Na verdade, Satanás possui origem humana, sendo assim classificados os adversários de determinado grupo.

Originalmente, o Mal é atribuído a Javé (forma traduzida do hebraico יהוה, entendido como Deus na tradição Hebraica e também é a maneira pela qual o autor se refere a Deus neste período, sendo igualmente mantida em nossa análise), pois é ele quem

manda o inimigo. Neste sentido, o Mal estaria ligado à infidelidade a Javé, ser absoluto e representante da vida. Contudo, isso muda, na medida em que Satanás chega ao céu, como um ser celestial. A partir daí, a existência do mal não é mais atribuída ao indivíduo, mas a forças externas. Paralelamente, a partir do período pós-exílio, Deus vai se tornando cada vez mais inacessível, cercado por anjos que cumprem seus ordenamentos, conforme demonstra Schiavo:

Javé deixa a terra e sobe para o céu: o Deus que caminhava com seu povo, que lutava lado a lado, que se manifestava na história de libertação e na eleição, é agora o Deus dos céus, que, como o sol, a lua, os astros, governa o mundo a partir de suas leis justas e imutáveis. E quanto mais alto, mais distante e inacessível, necessitando assim de intermediários: os anjos, que compõem sua corte, são seus mensageiros (Schiavo, 2000, p. 70).

Na Bíblia, a atuação de Satanás é mais detalhada em alguns livros do Antigo Testamento, dentre os quais se destacam: o livro dos Números (Satanás é enviado para alertar Balaão de que ele havia se desviado do caminho indicado por Deus, ou seja, para protegê-lo de um mal maior); o livro de Jó (Satanás testa a fé e a justiça de Jó, proporcionando a ele os piores dos infortúnios); o Salmo 109 (a figura de Satanás aparece como acusador dos malvados); o livro de Crônicas (Satanás é apontado como causador de conflitos e intrigas entre o povo, além da destruição feita por Davi); por fim, na quarta visão do profeta Zacarias (aqui, Satanás aparece como acusador e adversário direto de Deus).

Em continuidade ao seu raciocínio, Schiavo (2000) ressalta como houve a associação entre as guerras vivenciadas pelo povo judeu e a ação do Diabo, príncipe das trevas e responsável por todos os males. Ademais, tem-se a noção, pelos judeus, de que é chegada a hora do confronto final entre as forças do bem e do mal. Por fim, o autor citado discorre acerca da existência do Diabo e sua importância para o imaginário cristão:

Por que a Besta? Ela serve aos projetos de Deus? É a mesma questão que a ambiguidade da figura de Lúcifer levanta: como é que o portador da luz se transforma na causa e na origem do mal? Acontece, segundo as palavras de F. Hinkelammert, uma “inversão do universo mítico”: Lúcifer, a personificação da liberdade humana, é visto exclusivamente a partir do seu lado destrutivo, e passa a ser o Diabo. (...) Assim, Besta e Lúcifer representam a possibilidade da transgressão, encarada pela autoridade constituída, seja ela o império ou a igreja, como negativa, pecado ou rebelião, mas permitida por Deus, por representar o espaço da decisão humana, e não ameaçar sua soberania. A árvore do bem e do mal está no coração do jardim do Éden: Deus pede para não comer, mas não impede (Schiavo, 2000, p. 12).

Justamente pela sua oposição aos desígnios de Deus (em especial, o amor e a bondade) é que se constata a importância da entidade diabólica para a doutrina católica, na medida em que a existência do Mal converge para a existência do Bem e vice-versa. Sua ação transgressora atrela-se fortemente à condição humana quanto à possibilidade de escolha do próprio destino.

## AS MÚLTIPLAS FACETAS DIABÓLICAS

É preciso que se tenha em mente um aspecto fundamental: na prosa de Blatty, o demônio é um *espírito*, não é corporificado, só agindo a partir do momento em que toma o controle do corpo e da mente de Regan MacNeil. Logo, todas as características atribuídas ao Diabo em *O exorcista* não são referentes a ele em si, mas a Regan enquanto possuída.

Em face de tais aspectos, é possível até mesmo questionar se o demônio constituiria uma personagem distinta de Regan. Isso é respondido de forma positiva, já que, a partir do momento em que há uma brusca alteração na personalidade, na aparência física e no comportamento da menina, as formas através das quais o narrador e os outros indivíduos da história referem-se a ela também se alteram, promovendo uma dissociação entre a imagem de Regan anterior aos acontecimentos e a que está efetivamente presente, como se pode observar nos trechos a seguir do romance: “*A criatura* Regan interrompeu o riso e olhou para ele com olhos assustadores” (Blatty, 2015, p. 202, grifo nosso); “(...) e estou dizendo ao senhor que *aquela coisa lá em cima não é a minha filha!*” (Blatty, 2015, p. 208, grifos do autor).

Esses excertos constatarem o fato de que, com a intensificação das manifestações demoníacas, Regan perde sua condição de sujeito e passa a ser vista como um monstro e, até mesmo, algo inumano. Nota-se a mudança nos pronomes pessoais e nas desinências de gênero utilizadas para referir-se à garota naquele estado, passando de “she/her” (“ela/dela”) para “he/him” (“ele/dele”) e até “it”<sup>3</sup> (uma coisa), o demônio, além de adjetivos femininos que passam a serem masculinos, como é visto a seguir: “Karras olhou

---

<sup>3</sup> Na língua inglesa, o pronome “it” é utilizado para se referir a objetos e animais.

para a cama. *O demônio* o observava. Parecia *satisfeito*. — Então, você voltou — disse *ele*”. (Blatty, 2015, p. 257, grifos nossos).

Não fica explícito quem é esse demônio que está possuindo Regan<sup>4</sup>, mas há indícios e sugestões que apontam para Pazuzu, a entidade demoníaca do vento da mitologia assíria e que já havia cruzado o caminho de Padre Merrin, como consta no trecho a seguir, em um outro caso que também necessitou de um exorcismo: “Ele [Merrin] se apressou em direção a Mossul e a seu trem, o coração apertado com a certeza gélida de que, em breve, seria procurado por um antigo inimigo cujo rosto ele nunca vira. Mas ele sabia seu nome” (Blatty, 2015, p. 17).

Outra das principais características de Regan possuída é o seu caráter blasfemo, a partir de uma perspectiva cristã, com constantes menções e ofensas a símbolos e figuras cristãs, algo visto na famosa cena em que a garota se masturba com um crucifixo:

E Regan retorna, com os olhos arregalados e o medo estampado no rosto, como se um fim terrível se aproximasse, gritando com a boca bem aberta até a personalidade demoníaca possuí-la, preenche-la mais uma vez, tomando o quarto com um odor fétido, com um frio gélido que parecia vir das paredes; então as batidas cessam e o grito aterrorizado e estridente de Regan se funde a uma risada gutural de triunfo malevolente, enquanto ela enfia o crucifixo em sua vagina, várias vezes seguidas, masturbando-se de modo feroz, urrando com a voz profunda, rouca, ensurdecadora.

— Agora você é *minha*, sua vagabunda, sua puta nojenta. Isso, deixe Jesus *foder* você, *foder* você, *foder* você! (Blatty, 2015, p. 186, grifos do autor).

Para Blatty, essa cena precisava ser inserida no livro para fazer com que Chris sentisse a necessidade urgente de pedir ajuda a um padre. O momento em questão também está presente na famosa adaptação de *O exorcista* para as telas de cinema, lançada em 1973. Nesse caso, William Friedkin, o diretor do longa-metragem, acreditava que, ao unir dois elementos que muitos não pensariam em ver juntos, o crucifixo e a vagina, cada um significando alguma coisa (ele não especifica o quê), tem-se a demonstração do que é estar efetivamente possuído (Riley, 2017). Cria-se, assim, uma associação misógina entre o corpo feminino e o que se entende por mal e demoníaco. Em sua análise dessa cena, Biskind (2009, p. 340) comenta que:

---

<sup>4</sup> Blatty sempre fez questão de esclarecer que a entidade que possuiu Regan não é Satanás, ao contrário do que o próprio demônio afirma em uma conversa com Karras antes do exorcismo (Blatty, 1974).

Fazer Regan inserir um crucifixo na vagina é uma tentativa intencional de criar uma imagem sensacionalista e perversa de sacrilégio, mas também uma metáfora para o aborto autoinduzido, onde o instrumento abortivo tanto pode ser um crucifixo quanto um cabide.

Como visto, o elemento blasfemo ganha mais potencialidade devido ao fato de Regan ser uma menina, isto é, outra característica do diabo em *O exorcista* é a sua associação com o feminino. Nesse sentido, Biskind (2009) destaca o quanto o livro e a sua adaptação cinematográfica são marcados pelo que o autor chama de “pânico menstrual”, isto é, uma repulsa ao corpo da mulher e ao seu funcionamento básico. Creed (2011), por sua vez, argumenta que o tema do combate espiritual entre o Bem e o Mal fica em segundo plano, em detrimento da exploração da monstruosidade feminina e da incapacidade dos homens de controlarem o corpo da mulher. A autora complementa: “o Horror emerge do fato de que aquela mulher rompeu com o seu próprio papel feminino” (Creed, 2011, p. 212, tradução nossa).

Relacionada à blasfêmia e à condição feminina de Regan, está outra característica do demônio, a sexualidade. Quando se fala sobre o traço sexual do demônio nessas histórias, é preciso ter em mente que se trata de uma expressão de sexualidade explícita e grosseira, nada de sutil ou sedutora, cujo principal objetivo é causar choque às pessoas que assistem ou leem a situação de Regan ao contrastar com a ingenuidade da menina antes da possessão manifestar-se mais intensamente. A título de exemplificação, tem-se o seguinte trecho do romance:

Repentinamente, com um grito forte e profundo, Chris correu em direção à cama e agarrou o crucifixo, enquanto Regan, furiosa e com os traços totalmente desfigurados, esticou o braço, agarrou os cabelos de Chris e empurrou a cabeça dela para baixo, pressionando o rosto dela contra sua vagina, manchando-o de sangue, enquanto Regan remexia a pelve.

— Ah, mamãe porca! — disse Regan com uma voz lasciva e ainda gutural. — *Me lambe, me lambe, me lambe!* Aahhhhh! (Blatty, 2015, p. 186, grifos do autor).

Para Riley (2017), a razão para essas expressões de sexualidade de Regan serem transgressoras reside não nelas em si, mas na exploração daquilo que a sociedade optou por reprimir, no caso, a sexualidade infantil, vista em *O exorcista* como algo diabólico que deve ser reparado. Regan ser uma criança representa um choque de forma geral, pois tem-se aqui a demonização da juventude e um alerta para comportamentos tidos como inadequados, como a atividade sexual (Riley, 2017).

Dois outros aspectos de Regan demoníaca são igualmente marcantes: seu papel de tentador e acusador. O trecho a seguir do romance alude à função de tentador, quando Karras e Merrin refletem sobre os possíveis motivos para a possessão de Regan:

— Como saber? — respondeu Merrin. — Quem pode saber? E ainda acho que o alvo do demônio não é o possuído. Somos nós... que observamos... Todas as pessoas desta casa. E eu acho... Acredito que o objetivo é fazer com que nos desesperemos, que rejeitemos nossa humanidade, Damien: que vejamos a nós mesmos como bestas, maus e podres; deploráveis; horrorosos, indignos. E talvez aí esteja o cerne da questão: na indignidade. Porque eu acho que a crença em Deus não é uma questão de razão; acredito que é, no fundo, uma questão de amor: de aceitarmos a possibilidade de que Deus possa nos amar (Blatty, 2015, p. 304).

Para Merrin, o objetivo da possessão de Regan não seria simplesmente destruir a garota, mas sim fazer com que ela e os que estão ao seu redor caiam em tentação, de modo a fazer com que abandonem a crença no amor e na benevolência de Deus. Já o Diabo acusatório aparece na medida em que o ser acusa todos os que estão próximos à Regan (Chris, Karras e Merrin) de “falhas”, que os fazem sentir um esmagador sentimento de culpa. No excerto do romance destacado abaixo, o demônio se dirige à mãe de Regan:

– Veja o vômito! Veja a vaca acabada! – O demônio gritou. – Está feliz? Foi *você* quem fez isso! Sim, *você*, com sua carreira sempre antes de *qualquer* coisa, sua carreira antes de seu *marido*, antes *dela*, antes (...) *de seu divórcio*! Procurou padres, não é? Padres não vão resolver! A porca está *louca*! Você entendeu? Você a levou à loucura e ao assassinato e (...) *ao caixão* dela, sua vaca (...) (Blatty, 2015, p. 302 - 303, grifos do autor).

A condição de acusador reforça o que foi dito anteriormente acerca do papel tentador do demônio, de que a derrocada de Regan não se resume a ela, mas é um golpe maior contra os que a assistem, sua mãe (“culpada” por dar prioridade à carreira e deixar a família em segundo plano), Karras (“culpado” por abandonar a mãe doente e perder a fé em Deus) e Merrin (“culpado” pela sua prepotência e a perda de um garoto num caso anterior de possessão).

Além de ser um espírito estrangeiro blasfemo, tentador e acusador, a figura demoníaca nas obras de Blatty e de Friedkin é igualmente violenta, seja com as palavras, através das ofensas disparadas contra Chris, Karras, Merrin e os outros que estavam na casa, seja com as atitudes, como as diversas agressões à mãe de Regan e aos médicos, e o assassinato de Burke Dennings.

O Diabo de Blatty é igualmente simbolizado por meio de uma “animalidade monstruosa” (Gonçalves, 2013, p. 87). Ainda, de acordo com esta autora, o caráter animalesco de Regan expressa-se através de um comportamento antissocial (como o episódio em que a menina urina no meio de uma festa que acontecia em sua casa) e de constantes episódios em que a menina imita animais, como gato, cachorro, cavalo e porco.

## **O DIABO BÍBLICO E O ROMANCE DE BLATTY**

A caracterização da figura diabólica em *O exorcista* é um exemplo da íntima relação que essa obra estabelece com o texto bíblico, em termos de enredo e de representações estéticas e simbólicas. As alusões a passagens ou situações contidas no texto sagrado do Cristianismo são tanto de caráter explícito, como os trechos de livros da Bíblia presentes no início de cada parte do escrito de Blatty, como de caráter implícito, como o próprio arco do personagem Karras (que se sacrifica para salvar a vida de Regan), com elementos fortes o suficiente para que se pense tratar-se de uma alegoria para a história de Jesus de Nazaré<sup>5</sup>.

Ao se observar os traços demoníacos anteriormente citados, percebeu-se que quase a sua totalidade está presente nos escritos bíblicos. Dito isso, façamos uma distinção entre as características que correspondem ao Antigo Testamento e aquelas que dizem respeito ao Novo Testamento, visto que, baseado nas reflexões de Schiavo (2000) e até mesmo em uma simples leitura da Bíblia, há diferenças consideráveis na construção do ser diabólico.

Quando se pensa acerca do Antigo Testamento, Nogueira (2002) aponta que, devido à tentativa por parte do Judaísmo de preservar o seu caráter monoteísta, essa literatura faz poucas referências a espíritos malignos, não havendo a concentração das forças do Mal em uma única figura. Schiavo (2000) comenta que, quando Lúcifer aparece nesses momentos, ele não é identificado como inimigo de Deus, e sim como alguém que se põe no caminho, um obstáculo, fazendo parte, inclusive, da corte celestial.

---

<sup>5</sup> A proximidade de *O exorcista* com o Cristianismo não se limita a aspectos textuais. Em diversas declarações, William Peter Blatty entendia seu escrito como um “trabalho apostólico”, cujo um dos intuitos era fazer com que as pessoas voltassem à Igreja (Cull, 2000).

Três características de Regan possuem aparecem nos textos do Antigo Testamento. *A priori*, a alusão a Pazuzu ser o espírito responsável pela derrocada da garota, uma entidade pertencente a uma outra cultura que não a norte-americana ocidental (o que constitui o prólogo do romance), abre possibilidade para que se pense que o Diabo em *O exorcista* seja um Diabo **estrangeiro**, o que contribui para que a obra possa ser vista como reacionária, conforme percebido por Riley (2017).

De acordo com Pagels (1996), essa demonização do estrangeiro, do que é considerado estranho e não pertencente a determinado grupo social, faz-se igualmente presente nas Escrituras Sagradas, com a visão pejorativa dos povos pagãos e a condenação à adoração de qualquer uma de suas divindades, o que foi essencial na constituição da religião cristã. Não somente grupos estrangeiros foram tidos como maléficos, mas também aqueles que, por determinados motivos, tornaram-se inimigos dos cristãos, como os judeus no Evangelho de Marcos. A associação entre Satã e rivais dos seres humanos permite que se entenda o anjo caído como “uma reflexão de como nós nos percebemos e àqueles que chamamos de outros” (Pagels, 1996, p. 18, tradução nossa).

De acordo com Nogueira (2002) e Siqueira (2011), traços de seres mitológicos de outras culturas, como a celta e a egípcia, serviram de base para a construção da figura de Lúcifer retratada em diversas pinturas e outras manifestações artísticas (muitas delas ligadas à Igreja Católica), além de serem inseridas no imaginário popular. Almeida (2010) inclusive aponta que Pazuzu, a entidade que possuiu Regan, serviu de fonte para esse propósito, haja vista seus aspectos bestiais e animalescos.

*A posteriori*, outros dois aspectos de Regan demoníaca associam-se à literatura do Antigo Testamento, seu papel acusador e tentador. Este se apresenta, no Antigo Testamento, em duas oportunidades: no Salmo 109, em que a figura de Satanás aparece como acusador dos malvados, e no Livro de Zacarias, no qual o Satã exerce a mesma função em um julgamento (Bíblia, 2006). O outro, por sua vez, é uma das atribuições mais significativas de Satã nesse período, com destaque para o que é narrado no Livro de Jó, no qual Satanás, com autorização de Deus, promove uma série de desgraças a Jó, de modo a testar sua crença na bondade e justiça divina (Bíblia, 2006).

Para Nogueira (2002), com o Novo Testamento e o advento do Cristianismo, o retrato do Diabo modifica-se, na medida em que a religião cristã entra em contato com os pensamentos judaicos acerca do Mal. A partir deste momento,

(...) Deus agora possui formidáveis adversários na pessoa de Satã e sua corte de demônios. Os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas de Paulo e o livro do Apocalipse trazem abundantes alusões a essa luta formidável. Daqui por diante, Satã é o *grande adversário*, tendo por missão combater a religião que acaba de nascer e que será no futuro o Cristianismo. (...) Em suma, ele encarna todos os obstáculos, não à sobrevivência do povo escolhido, mas à possibilidade da vida eterna no Paraíso (Nogueira, 2002, p. 25-26).

Nogueira (2002) destaca que, para propagar o caos e levar à destruição do homem, Satanás conta, no Novo Testamento, com o auxílio de uma legião de demônios numa posição hierárquica menor, os quais atuam tentando os seres humanos, tomando posse de seus corpos, na tentativa de fazê-los renegar Jesus e infringi-los tormentos físicos.

Nesse contexto, pode-se pensar as demais características do demônio de *O exorcista*, as quais possuem maior proximidade com o que está contido no Novo Testamento. Primeiramente, a representação demoníaca como um espírito, algo inatingível, abstrato e que poderia possuir seres vivos, vai de encontro a inúmeros relatos presentes no texto bíblico, como o Evangelho de Marcos, no qual se encontra a descrição da realização de exorcismos, como em Mr. 1:25-45 (Bíblia, 2006), e a uma linha de pensamento desenvolvida por muitos teólogos da Igreja Católica durante a Idade Média (Almeida, 2010).

Em seguida, o caráter blasfemador do demônio, intimamente relacionado ao uso de expressões de baixo calão, ou seja, tem-se um Diabo grosseiro e vulgar, também está presente no texto bíblico, como em Apocalipse (capítulo 13), no qual o Diabo chama ao seu auxílio uma fera blasfemadora (Bíblia, 2006), além da sua própria condição de demônio e a sua atuação para levar Regan à morte.

A associação entre a mulher e o maligno, outra característica de Regan possuída, está longe de ser novidade no imaginário ocidental. Schiavo (2000) lembra que, na Bíblia, mais especificamente, tem-se a mulher como causadora da derrocada humana em Gênesis, além de outras menções mais explícitas à maleficência trazida pelo gênero feminino, como nos rolos do Mar Morto. Para ilustrar comentários, cita-se Eclesiástico 25, 24: “Foi pela mulher que começou o pecado, por sua culpa todos morremos!” (Bíblia, 2006). Menciona-se ainda a figura de Lilith (vista como um ser demoníaco, em especial pela tradição judaica), a primeira mulher de Adão, que fugiu do paraíso num ato de

rebeldia contra Deus, assim como a súcubo, um demônio feminino sedutor para levar a destruição aos homens.

Um Diabo violento também está presente no texto bíblico, no Evangelho de João (capítulo 8, versículo 44), como o “homicida desde o princípio” (Bíblia, 2006), além do caos, ira, destruição e conflitos trazidos pelo demônio no Livro de Apocalipse (Bíblia, 2006).

Por fim, as diversas menções diretas e indiretas a animais contidas em *O exorcista* encontram ecos em múltiplas situações retratadas na Bíblia, nas quais seres animais são considerados maléficos e auxiliares de Satã, ou até mesmo encarnações do anjo caído – a tentação de Adão e Eva pela serpente em Gênesis (Bíblia, 2006) e o desprezo por porcos, tendo estes sido utilizados como receptáculos para demônios após um exorcismo feito por Jesus, no Evangelho de Marcos (Bíblia, 2006). Nesse sentido, Gonçalves (2013, p. 88, grifos da autora) aponta que a possessão demoniza o ser feminino e “*animaliza o humano*, ilustrando um dos triunfos mais poderosos do demônio para insultar o possuído e aqueles que testemunham a sua condição aflitiva”.

O único traço relevante da entidade demoníaca do romance de Blatty que não encontra precedente nas escrituras bíblicas é o seu caráter infantil, o qual está mais relacionado a aspectos socioculturais da sociedade norte-americana no período de produção e recepção do texto. King (2004, p. 113), por sua vez, acrescenta que a obra possui como subtexto as “explosivas mudanças sociais, um enfoque exaustivamente refinado por toda aquela expressão de juventude que aconteceu no final da década de 1960 e início da década de 1970”. Ademais, este autor complementa que era uma história voltada aos pais que sentiam o pavor de perder seus filhos sem entender como ou por quê (King, 2004).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as características apresentadas, observa-se que, em *O exorcista*, tem-se uma representação diabólica que diverge do que Magalhães e Silva (2012) apontam como as mais comuns após o romantismo, com um Diabo mais humanizado e relacionado aos dilemas e conflitos do homem. Ao optar por um demônio bestial, violento, acusador e tentador, além de imprimir certo tom moralista e catequético à obra

em geral, Blatty (2015) aproxima seu escrito das representações do Diabo mais tradicionais, as quais tiveram seu ápice durante a era medieval, mas que, como bem pontuado por Magalhães e Silva (2012), sempre marcaram forte presença no pensamento cotidiano das pessoas.

A nosso ver, tal aproximação com retratos tradicionais reforça a importância da figura diabólica e de todo o seu arcabouço simbólico e imaginativo para as sociedades ocidentais, mesmo em um contexto de inovações sociais, tecnológicas e culturais. Nota-se o tom pedagógico da abordagem de Blatty (2015), pois é na confirmação da concretude do Mal, personificado pelo Diabo e seu séquito de demônios, que se tem a necessidade e a confirmação do Bem, princípio esse indissociável da ideia de Deus. Chocar e amedrontar as pessoas com as ações bestiais do Diabo nada mais foi, para Blatty (2015), do que um caminho para reforçar a importância de Deus no cenário em que escrevia.

## REFERÊNCIAS

- ALDEN, Robert L. Lúcyfer: quem o que. *Monergismo*, Brasília (DF), v. 3, n. 8, 2016. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/comentarios/lucifer-quem-oque\\_robert-alden.pdf](http://www.monergismo.com/textos/comentarios/lucifer-quem-oque_robert-alden.pdf). Acesso em: 29 out. 2022.
- ALEXANDER, Brooks; RUSSEL, Jeffrey B. *História da bruxaria*. Tradução: Álvaro Cabral e William Lagos. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.
- ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. O Diabo e a indústria cultural: as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema. *Nures*, São Paulo, n. 16, 2010.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução para o português da Vulgata Latina: Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2006.
- BISKIND, Peter. *Easy riders, raging bulls: como a geração sexo-drogas-rock'n'roll salvou o cinema*. Tradução: Ana Maria Bahiana. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- BLATTY, William Peter. *O exorcista*. Tradução: Carolina Caires Coelho. Rio de Janeiro: Agir, 2015.
- BLATTY, William Peter. *The exorcist*. Nova York: Happer Collins, 2011.
- BLATTY, William Peter. *On "The exorcist": from Novel to Film*. Londres: Corgi Childrens, 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. Ausência do diabo africano. *In*: CASCUDO, Luís da Câmara. *Made in África*. 2. ed. São Paulo: Global, 2002. p. 106-111.

CREED, Barbara. Woman as abject monster. *In*: OLSON, Daniel (Org.). *Studies in the horror film: The exorcist*. Lakewood: Centipede Press, 2011. p. 195-212.

CULL, Nick. The exorcist. *History today* 50, Londres, n. 5, p. 46-21, 2000.

DEMÔNIO. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva *et al.* 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 329.

DIABO. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva *et al.* 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 337.

DIABO. *In*: CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2012. p. 264.

GOLÇALVES, Maria Heloisa Amarante. A face reconhecível do medo: domesticação e redenção do monstro animal em *O Exorcista*. *Gragoatá*, Niterói, n. 35, p. 83-96, 2013.

KING, Stephen. *Dança macabra: o fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero*. Tradução: Louisa Ibañez. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; SILVA, Eli Brandão da. O diabo na arte e no imaginário ocidental. *In*: BRANDÃO, Eli.; FERRAZ, Salma; LEOPOLDO, Raphael Novaresi; MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo (Orgs.). *O demoníaco na Literatura*. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 277-290.

MILTON, John. *Paraíso perdido*. Tradução: António José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: Exilado dos livros, 2013.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

PAGELS, Elaine. *The origin of satan*. 1. ed. Nova York: Vintage Books, 1996.

RILEY, Brian. The exorcist: the forbidden pleasures of resistant reading. *Response*, Lansdowne, v. 2, 2017.

SCHIAVO, Luigi. O Mal e suas Representações Simbólicas. *Estudos da religião*, São Bernardo do Campo, n. 19, p. 65-83, 2000.

SIQUEIRA, Ana Márcia Alves. Uma história do diabo em Eça de Queirós. *In*: *Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais*, Maringá, 2011.

Recebido em: 31/07/2024

Aceito em: 07/08/2025

**João Vitor Temóteo Viana:** mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará, na área de concentração Literatura Comparada e na linha temática Literatura, Linguagens e Outras Poéticas. Graduado em Letras - Português pela Universidade Federal do Ceará.